

AÇÃO SOCIAL

*Documento preparado pelo Escritório de Desenvolvimento Social e Econômico
do Centro Mundial Bahá'í
26 de novembro de 2012*

Em sua mensagem do Ridván de 2010, a Casa Universal de Justiça conclamou os bahá'ís do mundo a refletirem sobre as contribuições que suas comunidades vibrantes e em crescimento darão ao progresso material e espiritual da sociedade. Em relação a isso, a Casa de Justiça fez referência ao processo de construção de comunidades desencadeado em muitos agrupamentos em todo o globo, através das atividades centrais associadas à atual série de Planos globais. Observou-se que “Uma rica tessitura de vida comunitária começa a emergir em todo agrupamento à medida que atos de adoração coletiva - entremeados de discussões nos ambientes da intimidade do lar - são entrelaçados com atividades que proveem educação espiritual a todos os membros da população – adultos, jovens e crianças.” “A consciência social”, prossegue explicando a mensagem, “é ampliada naturalmente quando, por exemplo, diálogos animados proliferam entre pais a respeito das aspirações de seus filhos e projetos de serviço brotam da iniciativa de pré-jovens.” Em seguida, a Casa de Justiça fez a seguinte declaração: “Uma vez que os recursos humanos num agrupamento se tornam suficientemente abundantes e o padrão de crescimento é firmemente estabelecido, o envolvimento da comunidade com a sociedade pode, e de fato deve, aumentar.” Mais adiante, na mesma mensagem, a Casa de Justiça definiu o campo de ação social nos seguintes termos:

Melhor concebida em termos de um espectro de atividades, a ação social pode variar de esforços relativamente informais de duração limitada - executados por indivíduos ou pequenos grupos de amigos - a programas de desenvolvimento social e econômico com elevado nível de complexidade e sofisticação, implementados por organizações de inspiração bahá'í. Independentemente de seu escopo e escala, toda ação social procura aplicar os ensinamentos e princípios da Fé para melhorar algum aspecto da vida social ou econômica de uma população, não importando quão modestamente.

Para contribuir com as discussões em andamento em todos os níveis da comunidade bahá'í sobre a natureza de seu envolvimento na ação social, preparamos este documento com base na experiência adquirida no decorrer dos anos na área de desenvolvimento social e econômico. As percepções apresentadas decorrem de esforços, relativamente complexos, direcionados ao desenvolvimento, e que, no entanto, esclarecem o caráter das iniciativas em todo o seu espectro, uma vez que todas as dimensões da ação social, independentemente de seu tamanho, baseiam-se num conjunto comum de conceitos, princípios, métodos e abordagens.

I. Envolvimento do mundo bahá'í no desenvolvimento social e econômico.

Os esforços da comunidade mundial bahá'í podem ser considerados em termos de diversos processos que interagem – o enriquecimento espiritual do indivíduo, o desenvolvimento de comunidades locais e nacionais, o amadurecimento das instituições administrativas, para mencionar apenas alguns – cujas origens remontam ao tempo do próprio Bahá'u'lláh, e ganharam força durante os ministérios de ‘Abdu'l-Bahá e Shoghi Effendi. Sob a guia da Casa Universal de Justiça, esses processos continuaram a avançar constantemente: o escopo de sua influência ampliou-se gradativamente e novas dimensões foram adicionadas à sua ação. O desenvolvimento social e econômico está entre estas. Este processo, em particular, seguido notadamente através de uma variedade de atividades educacionais no decorrer dos anos, recebeu ímpeto considerável em 1983, quando, numa mensagem datada de 20 de outubro, a Casa de Justiça pediu para se dar “atenção sistemática” a esta área de atividade após a rápida expansão da comunidade bahá'í nos anos de 1970.

A mensagem de 1983 enfatizou que o progresso no campo do desenvolvimento dependeria grandemente dos primeiros movimentos nas bases da comunidade. Anunciou também o estabelecimento do Escritório de Desenvolvimento Social e Econômico (OSD) no Centro Mundial Bahá'í para “promover e

coordenar as atividades dos amigos” nesse campo. Bahá’ís de todos os continentes procuraram responder de diversas maneiras ao chamado levantado na mensagem e os dez anos seguintes constituíram um período de experimentação, caracterizado simultaneamente por entusiasmo e hesitação, planejamento cuidadoso e ação aleatória, realizações e reveses. Embora a maioria dos projetos tivesse encontrado dificuldade de escapar dos padrões de prática de desenvolvimento prevalecentes no mundo, alguns apresentaram vislumbres de paradigmas promissores de ação. A partir dessa década inicial de múltiplas atividades, a comunidade bahá’í despontou então pela busca do desenvolvimento social e econômico, firmemente estabelecida como uma característica de sua vida orgânica e com a capacidade ampliada de, com o passar do tempo, construir uma abordagem claramente bahá’í.

Em setembro de 1993, o documento “Desenvolvimento Social e Econômico Bahá’í: Perspectivas para o Futuro”, preparado no Centro Mundial, foi aprovado pela Casa Universal de Justiça para ser usado pelo OSED para orientar e guiar o trabalho nesse campo. Ele preparou o terreno para os seguintes dez anos de atividade e mais além. Valendo-se do significativo conjunto de experiências acumulado no decorrer da última década, o documento discorre sobre diversas características comuns a todos esses esforços. Em consequência disso, a consciência mundial sobre a natureza do desenvolvimento social e econômico bahá’í cresceu significativamente durante esse período, e uma abordagem altamente consistente e muito mais sistemática começou a adquirir forma. Na época, a visão emergida demandava a promoção de atividades de desenvolvimento em diferentes níveis de complexidade. No âmago dessa visão se encontrava a questão da capacitação. O conceito de que as atividades deveriam começar numa escala modesta e crescer em complexidade somente de acordo com os recursos humanos disponíveis passou a influenciar gradativamente a mentalidade e a prática do desenvolvimento.

Em 2001, a Casa Universal de Justiça apresentou ao mundo bahá’í o conceito de agrupamento – um constructo geográfico, geralmente definido como um grupo de povoados ou mesmo uma cidade com seus subúrbios circunvizinhos, com o objetivo de ajudar no planejamento e implementação de atividades associadas à vida comunitária. Esta medida foi possibilitada pelo estabelecimento de institutos de capacitação no âmbito nacional e regional durante a década de 1990, os quais utilizaram um sistema de educação à distância para atingir grandes números de pessoas com uma sequência de cursos destinados a aumentar a capacidade para o serviço. A Casa de Justiça encorajou o mundo bahá’í a progressivamente expandir esse sistema a mais e mais agrupamentos a fim de promover seu constante progresso, estabelecendo primeiramente os firmes alicerces espirituais sobre os quais uma vida comunitária vibrante é construída. Inicialmente, os esforços do agrupamento se concentraram na multiplicação de certas atividades centrais abertas a todos os habitantes, mas com vistas a desenvolver a capacidade coletiva necessária para no devido tempo dar conta também de vários aspectos da vida social e econômica da população.

Assim, na década seguinte, a ação social seria crescentemente concebida dentro do contexto do agrupamento. Desse modo, o surgimento da concepção de ação social de base foi capaz de assumir uma dimensão coletiva bem mais pronunciada do que aquela que havia sido anteriormente articulada. Durante esse mesmo período, notável progresso estava também sendo feito pelo OSED em suas tentativas de ajudar a sistematizar a experiência de programas especialmente promissores e de aprender sobre estruturas e métodos necessários para propiciar que comunidades ao redor do mundo não somente obtenham benefícios deles, mas contribuam para seu maior avanço. Hoje, no estabelecimento de escritórios continentais e subcontinentais – cada um dos quais serve a uma rede de centros para a difusão de aprendizagem sobre o programa de empoderamento espiritual de pré-jovens ou a um grupo de organizações de inspiração bahá’í dedicadas à promoção de algum outro programa educacional – pode-se ver os primeiros frutos dos esforços do OSED para estabelecer estruturas em todo o mundo para aumentar a capacidade coletiva para esse fim. Salientando a importância daquilo que foi alcançado até agora, em sua mensagem de 28 de dezembro de 2010 a Casa Universal de Justiça escreveu:

Com o tempo, a força do processo de instituto no povoado e as capacidades aprimoradas que ele promoveu nos indivíduos finalmente podem permitir aos amigos tirar proveito de métodos e programas de eficácia comprovada, que foram desenvolvidos por uma ou outra organização de inspiração bahá’í e que foram introduzidos no agrupamento por sugestão de nosso Escritório de Desenvolvimento Social e Econômico, e com seu apoio.

Assim, no decorrer das três últimas décadas, as realizações na área de desenvolvimento social e econômico combinadas com o consistente aumento de recursos humanos em agrupamentos de toda parte conduziram o mundo bahá'í a um novo estágio em seus esforços de se envolver em ação social nas bases da comunidade.

II. Um arcabouço estrutural para aprendizagem coletiva

O modo de operação adotado na área de desenvolvimento social e econômico, em comum acordo com outras áreas de atividade bahá'í, é o de aprendizagem em ação. Quando os esforços são realizados em um modo de aprendizagem – caracterizando-se por constante ação, reflexão, consulta e estudo – as visões e estratégias são repetidamente reexaminadas. À medida que tarefas são realizadas, obstáculos removidos, recursos multiplicados e lições aprendidas, são feitas modificações nas metas e nos métodos. O processo de aprendizagem, direcionado através de arranjos institucionais apropriados, revela-se de um modo que se assemelha ao crescimento e diferenciação de um organismo vivo. Mudança aleatória é evitada e a continuidade da ação é mantida.

Referindo-se ao modo pelo qual aqueles que servem no âmbito de agrupamento serão cada vez mais atraídos à vida da sociedade, em diversas ocasiões a Casa Universal de Justiça indicou: “Nas abordagens seguidas, nos métodos adotados e nos instrumentos utilizados, vocês precisarão adquirir o mesmo grau de coerência que caracteriza o padrão de crescimento atualmente em ação”. Como os primeiros sinais na área de ação social irão se manifestar em agrupamento após agrupamento onde o processo duplo de expansão e consolidação seja vigoroso, o quanto de acompanhamento e orientação que será requerido das instituições, e de que modo os esforços de ação social irão fortalecer a tessitura da vida comunitária – estas estão entre as questões que serão cada vez mais objeto de um intenso processo de aprendizagem nos anos vindouros.

Alcançar progressivamente mais elevados graus de coerência, tanto dentro como entre os amplos campos interligados de empenho aos quais a comunidade bahá'í está engajada, é claramente uma preocupação vital. Isto sugere que as áreas de atividade devem ser complementares, integradas e que se apoiem mutuamente. Implica, ademais, a existência de um arcabouço estrutural comum e abrangente que dá forma às atividades e que evolui tornando-se mais elaborado à medida que há acúmulo de experiência. Evidentemente, a expressão dos diversos elementos do arcabouço estrutural não será uniforme em todas as esferas de ação. Em relação a qualquer área de atividade, alguns elementos tomam a dianteira enquanto outros agem somente em segundo plano. As próximas três seções deste documento descrevem alguns desses elementos, identificados ao longo dos muitos anos de experiência, à medida que encontram expressão na ação social.

Entre os elementos mais relevantes da ação social estão afirmativas que definem o caráter do progresso – que a civilização tem tanto uma dimensão material como uma dimensão espiritual, que a humanidade está no limiar de sua maturidade coletiva, que existem forças destrutivas e construtivas que operam no mundo que servem para impelir a humanidade ao longo do caminho em direção à sua completa maturidade, que os relacionamentos necessários para sustentar a sociedade devem ser remodelados à luz da Revelação de Bahá'u'lláh, que a necessária transformação deve ocorrer simultaneamente na consciência humana como também na estrutura das instituições sociais. Tais afirmativas lançam luz sobre a natureza dos esforços bahá'ís em prol do desenvolvimento, tópico tratado na Seção III deste documento.

Outros elementos que se referem à natureza da ação social provêm de uma perspectiva particular sobre o papel do conhecimento no desenvolvimento da sociedade. A complementariedade da ciência e religião, o imperativo da educação espiritual e material, a influência dos valores inerentes à tecnologia na organização da sociedade, e a relevância de tecnologia apropriada ao progresso social, estão entre as questões envolvidas. Visões relacionadas à geração e aplicação do conhecimento têm implicações não somente para a natureza do desenvolvimento, mas também para as questões de metodologia que é o tema da Seção IV. Nas discussões das Seções III e IV, está implícito ainda outro conjunto de elementos do arcabouço estrutural, isto é, afirmações que analisam conceitos como individualismo, poder, autoridade, conforto pessoal, serviço abnegado, trabalho e excelência.

Finalmente, no âmago do marco conceitual para ação social jazem elementos que descrevem crenças sobre as questões fundamentais da existência, tais como a natureza do ser humano, o propósito da vida, a unicidade da humanidade, e a igualdade entre homens e mulheres. Embora para os bahá'ís tratem-se de convicções imutáveis, estas não são estáticas – o modo como são entendidas e encontram expressão em diversos contextos evolui com o tempo. Muitas dessas convicções são subjacentes às discussões desenvolvidas através do documento; algumas são explicitamente tratadas na Seção V para ilustrar suas implicações para o trabalho de desenvolvimento.

III. A natureza do desenvolvimento social e econômico bahá'í

A atividade bahá'í no campo do desenvolvimento social e econômico visa promover o bem-estar das pessoas de todas as camadas da sociedade, quaisquer que sejam suas crenças e origens. Ela representa os esforços da comunidade bahá'í para realizar mudança social construtiva à medida que aprende a aplicar os ensinamentos da Fé à realidade social juntamente com o conhecimento acumulado em diferentes campos do empenho humano. Seu propósito não é proclamar a Causa, nem tampouco servir como veículo de conversão. O que segue abaixo é uma discussão a respeito dos elementos do marco conceitual que ajudam a definir sua natureza.

(i) Coerência entre o material e o espiritual

Uma exploração da natureza da ação social, realizada na perspectiva bahá'í, deve necessariamente colocá-la no contexto amplo do avanço da civilização. O fato de uma civilização global tanto material como espiritualmente próspera representar o próximo estágio de um processo de milênios de evolução social oferece uma concepção de história que provê um propósito especial para toda instância de ação social: o de promover verdadeira prosperidade, com suas dimensões espiritual e material, entre a diversidade de habitantes do planeta. Assim, um conceito de importância vital é a necessidade imperativa de alcançar uma coerência dinâmica entre as necessidades práticas e espirituais da vida. 'Abdu'l-Bahá afirma que embora “a civilização material seja um dos meios do progresso do mundo humano”, enquanto não estiver “unida à civilização divina, não trará o resultado desejado, que é a felicidade da humanidade”. E continua:

A civilização material assemelha-se a uma lâmpada e a divina, à luz. Sem luz, a lâmpada permanece escura. A civilização material é como o corpo. Por infinitas que sejam sua formosura, graça e beleza, ele é morto. A civilização divina é como o espírito. É o espírito quem insufla vida no corpo; pois sem o espírito o corpo não passa de um cadáver. Consequentemente, está comprovado que o mundo humano necessita dos sopros do Espírito Santo. Sem espírito, o mundo humano carece de vida, e destituído dessa luz está em escuridão absoluta.

Buscar coerência entre o espiritual e o material não significa que as metas materiais do desenvolvimento devam ser banalizadas. Mas requer, no entanto, a rejeição de abordagens de desenvolvimento que o definem como a transferência para todas as sociedades, das convicções ideológicas, das estruturas sociais, das práticas econômicas, dos modelos de governança, enfim, dos próprios padrões de vida que prevalecem em certas regiões altamente industrializadas do mundo. Quando as dimensões material e espiritual da vida de uma comunidade são consideradas e é dispensada a devida atenção ao conhecimento científico bem como ao espiritual, evita-se a tendência de reduzir o desenvolvimento a mero consumo de bens e serviços e o uso ingênuo de pacotes tecnológicos. O conhecimento científico, para dar apenas um exemplo simples, ajuda os membros de uma comunidade a analisarem as implicações físicas e sociais de dada proposta tecnológica – como seu impacto ambiental – e a percepção espiritual invoca os imperativos morais que mantêm a harmonia social e asseguram que a tecnologia sirva ao bem comum. Juntas, essas duas fontes de conhecimento exploram as raízes da motivação em indivíduos e comunidades, tão essencial para os libertar da passividade, e lhes propicia desvelarem as armadilhas do consumismo.

Embora a importância do conhecimento científico para os esforços em prol do desenvolvimento seja prontamente reconhecida no mundo todo, parece haver menos concordância sobre o papel a ser desempenhado pela religião. Muito frequentemente, a visão sobre religião traz consigo ideias de divisão, conflito e repressão, criando relutância para considerá-la como uma fonte de conhecimento – mesmo entre aqueles que questionam a adequação de abordagens totalmente materialistas. É interessante que a alta estima pela ciência não significa necessariamente que sua prática e propósito sejam bem entendidos. Seu significado subjacente também é cercado de concepções errôneas. Não raramente é concebida em termos da aplicação de certas técnicas e fórmulas que, como por mágica, leva a esse ou aquele efeito. Não é de surpreender, portanto, que o que é considerado como conhecimento religioso não esteja em harmonia com a ciência, e muito daquilo que é divulgado em nome da ciência negue as capacidades espirituais cultivadas pela religião.

Ação social, qualquer que seja sua dimensão ou complexidade, deve esforçar-se por se manter livre de concepções simplistas e distorcidas a respeito de ciência e religião. Para este fim, deve-se evitar uma dualidade imaginária entre razão e fé – uma dualidade que confina a razão ao domínio da evidência empírica e argumentação lógica e associa a fé a superstição e pensamento irracional. O processo do desenvolvimento deve ser racional e sistemático – incorporando, por exemplo, habilidades científicas de observar, de mensurar, de testar rigorosamente conceitos - e, ao mesmo tempo, profundamente ciente de fé e convicções espirituais. Nas palavras de ‘Abdu’l-Bahá, “a fé abrange tanto o conhecimento como a realização de boas obras”. A melhor forma de se entender fé e razão é como atributos da alma humana através dos quais se pode obter percepções e conhecimento acerca das dimensões física e espiritual da existência. Eles tornam possível reconhecer os poderes e capacidades latentes em indivíduos e na humanidade como um todo e propiciar que as pessoas trabalhem para a realização dessas potencialidades.

(ii) Participação

Uma civilização condigna de uma humanidade que, tendo passado por estágios incipientes de evolução social, está amadurecendo, não surgirá através de esforços exercidos por um seletivo grupo de nações ou mesmo por um conjunto de agências nacionais e internacionais. Ao contrário, o desafio deve ser enfrentado por toda a humanidade. Cada membro da família humana tem não somente o direito de se beneficiar de uma civilização material e espiritualmente próspera, mas também a obrigação de contribuir para sua construção. Portanto, a ação social deve funcionar com base no princípio da participação universal.

Questões relacionadas à participação já foram minuciosamente examinadas na literatura sobre desenvolvimento. Contudo, tanto na teoria como na prática, este princípio vital tem sido frequentemente abordado sob o aspecto da técnica – por exemplo, através da utilização de pesquisas e de grupos focais. Evidentemente tais ferramentas têm seu mérito, como também o têm esforços mais ambiciosos para aumentar a participação em processos políticos ou oferecer treinamento para os beneficiários de serviços prestados por uma ou outra agência governamental ou não governamental. Ainda assim, essas medidas parecem não alcançar o tipo de participação acima previsto. O que parece se buscar em cada região, microregião ou agrupamento, é o envolvimento de um crescente número de pessoas num processo coletivo de aprendizagem que seja focado sobre a natureza e a dinâmica de um caminho que conduza ao progresso material e espiritual de seus povoados ou vizinhanças. Tal processo permitiria que os participantes se engajassem na geração, aplicação e difusão do conhecimento, uma força muito potente e indispensável para o avanço da civilização.

Em relação a isso, é importante perceber que a aplicação e propagação do conhecimento existente é invariavelmente acompanhada pela geração de um novo conhecimento – muito do qual toma a forma de percepções adquiridas por intermédio da experiência. Aqui a sistematização da aprendizagem é crucial. À medida que um grupo de pessoas que trabalha nas bases da comunidade começa a ganhar experiência na ação social, as primeiras lições aprendidas podem consistir em um pouco mais que pequenas histórias ocasionais, narrativas de fatos pitorescos e relatos pessoais. Com o passar do

tempo, começam a surgir padrões que podem ser documentados e cuidadosamente analisados. Para facilitar a sistematização do conhecimento, há necessidade de se estabelecer estruturas apropriadas em âmbito local, entre elas instituições e agências investidas de autoridade para salvaguardar a integridade do processo de aprendizagem e assegurar que não seja reduzido a opiniões ou a um mero conjunto de várias experiências – em suma, cuidar para que seja gerado conhecimento autêntico. Nesse sentido, a autoridade investida nas instituições da Ordem Administrativa que trabalham nas bases para harmonizar a volição individual com a vontade coletiva concede à comunidade bahá'í uma notável capacidade para estimular a participação.

Não importa quão essencial seja, um processo de aprendizagem em âmbito local terá sua efetividade limitada se não for conectado ao processo global empenhado na prosperidade material e espiritual da humanidade como um todo. Assim, são necessárias estruturas em todos os níveis, desde o local até o internacional, para facilitar a aprendizagem sobre o desenvolvimento. No âmbito internacional, tal aprendizagem demanda algum grau de conceituação que leve em conta os processos mais amplos de transformação global em curso e que sirva para adequar toda a direção das atividades em prol do desenvolvimento. A esse respeito, o OSED considera a si próprio como uma entidade de aprendizagem dedicada à sistematização de uma experiência global em crescimento tornada possível através da participação de um número cada vez maior de indivíduos, agências e comunidades. À medida que essa participação se amplia, o Escritório empenha-se em desenvolver sua própria capacidade de observar a atividade nas bases, identificar e analisar padrões que surgem em um ou mais conjuntos de circunstâncias, e difundir o conhecimento assim gerado, fortalecendo estruturas para esse propósito e imprimindo ímpeto ao processo de aprendizagem em todos os níveis. Desse modo, a abordagem de desenvolvimento que vem a tona desafia uma categorização de “cima para baixo” ou “de baixo para cima”; ao contrário, ela é de reciprocidade e interconexão.

(iii) Capacitação

Quando o desenvolvimento é visto em termos de participação de mais e mais pessoas num processo coletivo de aprendizagem, o conceito de capacitação assume uma importância especial. Assim, embora qualquer dimensão da ação social naturalmente vise melhorar algum aspecto da vida de uma população, ela não pode se focar simplesmente na provisão de bens e serviços – uma abordagem de desenvolvimento tão predominante no mundo atualmente, que frequentemente carrega consigo atitudes de paternalismo e que utiliza métodos que desempoderam aqueles que deveriam ser os protagonistas da mudança. Estabelecer e alcançar metas específicas para melhorar condições é uma preocupação legítima da ação social; no entanto, muito mais essencial é o concomitante crescimento da capacidade dos participantes no esforço de contribuir para o progresso. Certamente, por mais importante que seja o imperativo de capacitar, ele não é relevante somente para o indivíduo; é igualmente aplicável às instituições e à comunidade, os outros dois protagonistas no avanço da civilização.

No âmbito do indivíduo, a influência do instituto de capacitação é vital. Assim como ele ajuda a prover os indivíduos com percepção e conhecimento espirituais, as qualidades e atitudes, destrezas e habilidades necessárias para realizar atos de serviço que integram a vida comunitária bahá'í, o instituto cria um conjunto de recursos humanos que torna possível o florescimento de esforços de desenvolvimento social e econômico. Os que participam de tais esforços estão por sua vez aptos a adquirir conhecimento e habilidades pertinentes às áreas específicas de ação nas quais estão engajados – saúde, produção agrícola e educação, para citar apenas algumas – ao mesmo tempo em que continuam a fortalecer aquelas capacidades já cultivadas pelo instituto como, por exemplo, o fomento da unidade na diversidade, a promoção da justiça, a participação efetiva na consulta, e o acompanhamento de outros em seus esforços para servir à humanidade.

De modo semelhante, a questão da capacidade institucional requer devida atenção. À medida que as instituições da Fé ganham experiência, especialmente no contexto de seus esforços para assegurar que as provisões dos Planos globais sejam cumpridas, elas se tornam cada vez mais aptas a oferecer assistência, recursos, encorajamento e amorosa orientação a iniciativas apropriadas; e aptas a

consultar livre e harmoniosamente entre elas próprias e as pessoas a que servem; e a canalizar energias individuais e coletivas para a transformação da sociedade. Desse modo, todo esforço na esfera de ação social também deve considerar a questão da capacidade institucional. Afinal, até mesmo o menor grupo de indivíduos, trabalhando nas bases, deve ser capaz de manter um ambiente de consulta caracterizado pelas qualidades de honestidade, equidade, paciência, tolerância e cortesia. Num maior nível de complexidade, uma organização dedicada à ação social precisa desenvolver a capacidade de realizar uma leitura da sociedade e identificar as forças que nela operam, traduzir uma visão de progresso em projetos e em diversas linhas de ação interligadas, administrar recursos financeiros e interagir com agências governamentais e não governamentais.

A capacitação de indivíduos e instituições caminha de mãos dadas com o desenvolvimento de comunidades. Em povoados e vizinhanças do mundo todo, os bahá'ís estão envolvidos em atividades que enriquecem o caráter devocional de suas comunidades, que zelam pela educação espiritual das crianças, que aumentam a percepção espiritual dos pré-jovens e fortalecem seu poder de expressão e que possibilitam que um número crescente de pessoas considere como aplicar os ensinamentos da Fé às suas vidas individuais e coletivas. Porém, é necessário que o processo do desenvolvimento de comunidades vá além do nível de atividade e se ocupe com aqueles modos de expressão e padrões de pensamento e conduta que devem caracterizar uma humanidade amadurecida. Em suma, deve entrar no domínio da cultura. Visto dessa maneira, a ação social pode se tornar uma ocasião para aumentar a consciência coletiva de princípios tão vitais como unicidade, justiça e igualdade entre mulheres e homens; promover um ambiente que se distingue por características como veracidade, equidade, integridade e generosidade; ampliar a habilidade da comunidade de resistir à influência de forças sociais destrutivas; demonstrar o valor da cooperação como um princípio organizador para a atividade; fortificar a vontade coletiva; e inspirar a prática com a percepção proveniente dos ensinamentos. Pois em última análise, muitas das questões mais fundamentais da emergência de uma civilização global próspera devem ser tratadas no âmbito da cultura.

O que parece necessário reconhecer aqui é que o aumento da capacidade em cada um destes três protagonistas não ocorre de modo isolado; o desenvolvimento de qualquer um está inseparavelmente ligado ao progresso dos outros dois. A seguinte afirmação de Shoghi Effendi trata desse ponto:

Não podemos segregar o coração humano do ambiente externo e dizer que uma vez que um desses seja reformado tudo ficará melhor. O homem tem uma relação orgânica com o mundo. Sua vida interior molda o ambiente e é também profundamente afetada por este. Um age sobre o outro e toda mudança duradoura na vida do homem é o resultado dessas reações mútuas.

(iv) *Graus de complexidade*

É inegável que o processo do desenvolvimento é inerentemente complexo. Pode envolver atividades em áreas como a agricultura e criação de animais, fabricação e comercialização de produtos, administração de fundos e recursos naturais, saúde e saneamento, educação e socialização, comunicação e organização comunitária. Assim, o conhecimento a ser considerado em relação às preocupações para com o desenvolvimento das comunidades do mundo não provém de uma única área ou disciplina. Claramente há a necessidade de uma ação interdisciplinar e multisetorial. No entanto, somente no decurso de décadas é que a comunidade bahá'í adquirirá a capacidade para adotar tal ação coordenada, como também a de tratar de questões de desenvolvimento em níveis cada vez mais complexos e eficazes.

A ação social pode abranger desde esforços bem informais de duração limitada, realizados por pequenos grupos de indivíduos até programas de desenvolvimento social e econômico com alguma complexidade e sofisticação implementados por organizações de inspiração bahá'í. A experiência deixa claro que a interação de processos que dão origem à ação social não se prestam a uma única descrição estereotipada. Entretanto, independente das circunstâncias, o escopo e a complexidade da ação social em qualquer momento devem ser proporcionais aos recursos humanos disponíveis numa

comunidade para levá-la avante. Além disso, a posse da iniciativa cabe à própria comunidade, o que sugere a existência de certo grau de vontade coletiva.

Qualquer que seja a natureza dos esforços, eles geralmente começam numa escala modesta. Geralmente, numa localidade em que as atividades educacionais do instituto de capacitação estejam firmemente estabelecidas e exista um evidente senso de comunidade, pode-se observar os movimentos iniciais de uma consciência social elevada no surgimento de um pequeno grupo que, envolvendo-se a uma realidade social e econômica em particular, inicia um conjunto simples de ações adequadas. Embora alguns esforços desse tipo naturalmente cheguem a um fim quando seus objetivos tiverem sido alcançados, outros seguirão adiante. Insistir em perpetuar ou mesmo expandir toda iniciativa, seja em termos de número de participantes, gastos, abrangência geográfica ou complexidade do trabalho, é contraproducente. No entanto, podem existir circunstâncias em que, através de um processo contínuo de consulta, ação e reflexão, os esforços originarão um empreendimento de natureza mais contínua e ininterrupta. Em tais casos, o importante é que se permita aos envolvidos ampliarem o escopo de suas atividades de um modo orgânico, sem a pressão indevida de opiniões que são frequentemente baseadas apenas em considerações teóricas. O processo segue avante de modo flexível à medida que eles refletem sobre os resultados da experiência. Evidentemente, a Assembleia Espiritual Local serve como a voz de autoridade moral para assegurar-se de que, quando pequenos grupos de indivíduos se esforçam para melhorar as condições, a integridade de seus esforços não seja comprometida. Ela ainda permanece sempre vigilante, assegurando-se de que os esforços não sigam em direção contrária àquela em que a comunidade está se movendo.

Em algum momento, os membros da comunidade poderão também aproveitar os programas educacionais promovidos por organizações de inspiração bahá'í que estejam funcionando na região, apoiados pelo OSED. A constante expansão de um tal programa na comunidade servirá para aumentar seus recursos humanos e reforçar estruturas organizacionais que sustentam o trabalho em consecução. Ao final, muitos daqueles que se beneficiam de tais programas irão, por sua vez, devotar suas energias para implementar o tipo acima mencionado de ação social junto as bases. Mas, aqui novamente, qualquer que seja a visão final, há o cuidado de começar o trabalho numa única área de ação e com o passar do tempo expandir gradativamente as atividades. Uma escola comunitária, por exemplo, pode em princípio tornar-se um centro para atividades como produção agrícola, educação para a saúde, e aconselhamento familiar. Mas, na maioria dos casos, é aconselhável que se inicie simplesmente como uma escola, concentrando todos os seus recursos nas crianças a que se propõe servir.

Com relação a isso, os esforços do OSED de fortalecer a capacidade institucional de organizações de inspiração bahá'í adquirem importância, e cabem aqui algumas palavras sobre o surgimento de tais organizações em todo o mundo. Seja na prática de suas profissões, no desempenho de suas responsabilidades profissionais, ou em outros tipos de negócios, todos os bahá'ís obtêm inspiração dos ensinamentos e princípios da Fé e esforçam-se para refletir seus elevados padrões nas interações do dia a dia. Ademais, devido à natureza do campo do desenvolvimento, muitos bahá'ís optarão por se associar a alguma agência nacional ou internacional que trabalhe pelo bem do gênero humano e, conforme as possibilidades utilizarão os ensinamentos bahá'ís para conduzir seu trabalho. Nesse sentido, seus esforços são inspirados pela Fé. No entanto, no contexto do trabalho da própria comunidade bahá'í, o termo passou a ser usado de um modo muito específico. Criada tipicamente por um pequeno grupo de bahá'ís, uma organização de inspiração bahá'í – embora permaneça sob a orientação geral e a autoridade moral de instituições bahá'ís – pode desempenhar uma variedade de iniciativas em prol do desenvolvimento numa região com um grau de liberdade para administrar seus afazeres diários. Quando tal organização é estabelecida, naturalmente se dá ênfase na qualidade de suas atividades; gradativamente se adquire clareza a respeito de uma dimensão ideal à medida que se põe de lado a ideia de “quanto maior melhor”. As instituições e agências bahá'ís, incluindo o OSED, oferecem encorajamento e orientação e, quando adequado, canalizam recursos para essas organizações. No decorrer de muitos anos, uma pequena quantidade delas se tornaram experientes

organizações de desenvolvimento com a capacidade de se dedicar a áreas de atividade relativamente complexas e estabelecer relações com agências do governo e sociedade civil.

Por mais útil que possa ser o conceito de uma organização de inspiração bahá'í, sua aplicação em diversas circunstâncias requer cuidadosa consideração. O modo em que uma organização desse tipo surge da vida de uma região e contribui para seu progresso é de suma importância. Seu estabelecimento não pode ser ao acaso, nem sua criação se originar do anseio de dois ou três indivíduos para cumprir um desejo pessoal, ainda que altruísta. A importância de uma organização de inspiração bahá'í que funciona numa região provém em parte de sua relação com outras atividades, e é um dos diversos empreendimentos interativos através dos quais se alcança progresso consistente. O valor de tais organizações em diferentes regiões do mundo no trabalho do desenvolvimento é evidente. Contudo, o poder transformador de milhares e milhares de ações simples, realizadas nas bases da comunidade, unidas num arcabouço estrutural comum, não pode ser subestimado.

(v) *Fluxo de recursos*

Toda atividade bahá'í é levada adiante à luz de uma crença fundamental na unicidade do gênero humano. Todos contribuem com seus talentos e recursos para o avanço de um propósito comum, e todos participam da alegria do progresso. Claramente, então, a ênfase colocada na ação local não deve ser compreendida como um favorecimento ao isolamento.

O desenvolvimento social e econômico requer o fluxo de recursos tanto materiais como intelectuais. As comunidades bahá'ís são ligadas por instituições e agências de âmbito local, regional, nacional, continental e internacional, sendo que cada uma está comprometida em endossar o princípio da unicidade do gênero humano. Estes arranjos institucionais permitem que os recursos fluam de um modo estruturado e sistemático, e as comunidades, tanto em áreas rurais como em regiões altamente industrializadas, beneficiem-se deles igualmente. A prática de dividir o mundo em grupos dicotômicos de “desenvolvidos” e “subdesenvolvidos”, de “avançados” e “atrasados”, é alheio aos esforços bahá'ís no campo do desenvolvimento – na verdade, a todos os empreendimentos bahá'ís.

No entanto, deve-se reconhecer plenamente que a pobreza não pode ser aliviada sem uma justa distribuição da riqueza material entre os povos do mundo. De fato, a instituição do Huqúqu'lláh provê um meio poderoso para a promoção da prosperidade da humanidade. Por observarem a lei do Huqúqu'lláh, que requer que ofereçam uma percentagem de seu excesso de riqueza, os bahá'ís através do globo entendem que, ao colocar fundos à disposição da Casa Universal de Justiça, estão facilitando a transferência de recursos materiais por meios que promovem o bem-estar da sociedade. No momento atual, os montantes disponíveis estão muito aquém das necessidades de imensas regiões do planeta carentes de recursos financeiros necessários. No entanto, a observância desta lei possibilita a Casa de Justiça a prover fundos para projetos de desenvolvimento em andamento em todos os continentes.

Além dos fundos acessíveis através da instituição do Huqúqu'lláh e contribuições regulares para outras instituições, incluindo as especificamente destinadas à ação social, os esforços na área de desenvolvimento social e econômico podem obter recursos disponibilizados por governos e agências doadoras. Contudo, independentemente de suas fontes, de modo algum tais fundos determinam a agenda para os esforços em prol do desenvolvimento nas comunidades que aceitam tal assistência. As relações de dependência, tão prevalentes no mundo de hoje, em que certas regiões são devedoras a outras por terem acesso a recursos, é inaceitável.

Na sua mensagem do Ridván de 2010, a Casa Universal de Justiça deixou claro que “Mudança social não é um projeto que um grupo de pessoas executa em benefício de outras”, e, de um modo geral, bahá'ís de uma região não estabelecem projetos de desenvolvimento para outros. Porém, os indivíduos vão de uma comunidade a outra e além-fronteiras e, nesse caso, todo bahá'í é orientado pelas palavras de Bahá'u'lláh: “Fechai vossos olhos para a separação e, então, fixai vosso olhar na

unidade”. Quando bahá’ís mudam de residência ou viajam a outro lugar por motivo de algum trabalho, fazem parte da coletividade de sua nova comunidade local e todos os outros os veem desse modo. Passam a ser guiados pelas instituições da localidade, as quais são responsáveis por facilitar o fluxo de conhecimento e canalizar as energias de cada membro de sua comunidade; assim, evita-se a noção de que um especialista proveniente de fora possa impor suas aspirações profissionais à população local.

Assim, nos esforços dos bahá’ís em toda parte pode-se ver a emergência de uma comunidade global que, conectada através de suas instituições, está se empenhando em estabelecer um padrão de atividade que tem o devido respeito à autonomia local sem criar um senso de isolamento do todo, que dá importância aos meios materiais sem permitir que eles se tornem instrumentos de controle, que provê o fluxo de conhecimento sem permitir atitudes paternalistas, que fortalece a capacidade dos indivíduos sem qualquer consideração à sua condição econômica. Embora estejam vigorosamente envolvidos em atividades para melhorar seu ambiente circunvizinho, os bahá’ís sentem-se parte de um processo de desenvolvimento de escopo e influência globais.

IV. *A metodologia do desenvolvimento social e econômico bahá’í*

Além dos elementos do marco conceitual que definem a natureza dos esforços bahá’ís de desenvolvimento, há vários conceitos que lançam luz sobre os métodos a serem adotados. Que a investigação coletiva da realidade pode ser realizada da melhor forma numa atmosfera que encoraja o desprendimento de pontos de vista pessoais, que tal investigação contínua deve dar a devida importância à informação empírica válida, que a mera opinião não deve ser elevada à posição de fato, que conclusões devem corresponder à complexidade das questões que estão à mão e não serem divididas numa série de pontos simplistas, que a articulação entre observações e conclusões deve ser apresentada em linguagem precisa e desapaixonada, que o progresso em cada área de empreendimento depende da criação de um ambiente em que os poderes são multiplicados e se manifestam em ação unificada – conceitos gerais como estes, extraídos tanto da ciência como da religião, instruem a perspectiva metodológica específica discutida abaixo.

(i) *Realizando uma leitura da sociedade e formulando uma visão*

Conforme mencionado anteriormente, os esforços na esfera da ação social frequentemente tomam a forma de atos modestos realizados por pequenos grupos de indivíduos que residem numa localidade. Num sentido, esses movimentos nas bases podem ser considerados respostas à leitura da realidade social, ainda que nesse nível raramente sejam explicitamente expressas como tal. Para os esforços mais complexos no campo do desenvolvimento social e econômico, a leitura da sociedade com precisão cada vez maior deve se tornar um elemento explícito da metodologia da aprendizagem.

Pode-se dizer que todo esforço em prol do desenvolvimento representa uma resposta a algum grau de entendimento da natureza e do estado da sociedade, seus desafios, as instituições que nela operam, as forças que a influenciam, e as capacidades de sua população. Ler a sociedade desta forma não é explorar cada detalhe da realidade social, nem envolve necessariamente estudos formais. As condições precisam ser entendidas progressivamente, tanto do ponto de vista do objetivo de um empreendimento específico como no contexto de uma visão da existência coletiva da humanidade. De fato, é vital que a leitura da sociedade seja consistente com os ensinamentos da Fé. O fato de que a verdadeira natureza de um ser humano é espiritual, que todo ser humano é uma “mina rica em joias” de potencialidade ilimitada, que as forças da integração e desintegração, cada uma à sua maneira, estão impulsionando a humanidade em direção ao seu destino, são apenas alguns exemplos dos ensinamentos que moldam aquilo que se entende por realidade social. Organizações de inspiração bahá’í que apoiam linhas de ação relativamente complexas precisam continuamente refinar sua leitura da sociedade, utilizando métodos da ciência no máximo de suas habilidades.

É importante notar que ler a realidade social de uma população desde seu interior é diferente de estudá-la como um observador externo. Nos casos em que a população em questão é relativamente

carente de recursos materiais, as pessoas de fora que têm acesso a maiores recursos muitas vezes veem apenas privação – a riqueza de talentos da população, as aspirações de seus membros e sua capacidade de se levantar e se tornar protagonistas de mudança podem ser todos ignorados. Além do mais, observadores externos da pobreza frequentemente estão quase sempre muito inconscientes da sua tendência de permitir que seus próprios sentimentos de pena, medo, indignação ou ambivalência afetem sua leitura da sociedade e de basearem suas propostas de soluções no valor que dão às suas próprias experiências. No entanto, quando um esforço é participativo, no sentido de que procura envolver as próprias pessoas na geração e aplicação do conhecimento, como todos moldam juntos um caminho de progresso, dualidades como “externo-interno” e “conhecedor-ignorante” rapidamente desaparecem.

Conforme sua leitura da sociedade, os envolvidos na ação social formam e aprimoram uma visão de seu trabalho dentro do espaço social que lhes é disponível. Aqui, a palavra “visão” não significa simplesmente um conjunto de metas ou uma descrição de uma condição futura idealizada. Particularmente, quando uma organização de inspiração bahá’í está envolvida, uma visão deve expressar uma ideia geral de como as metas terão de ser alcançadas: a natureza das estratégias a serem planejadas, as abordagens a serem adotadas, as atitudes a serem tomadas, e até mesmo um esboço de alguns dos métodos a serem utilizados. A visão do trabalho articulado por tal organização nunca é completa; ela deve se tornar mais e mais precisa, ser capaz de ajustar-se à ação constantemente em evolução e cada vez mais complexa, e alcançar níveis cada vez mais elevados de precisão em seu funcionamento.

(ii) Consulta

Se a aprendizagem em ação deve ser o modo de funcionamento fundamental na área de desenvolvimento social e econômico, o princípio bahá’í da consulta precisa ser plenamente valorizado. Seja ocupando-se com a análise de um problema específico, alcançando graus mais elevados de entendimento numa dada questão, ou explorando possíveis rumos de ação, a consulta pode ser vista como uma busca coletiva da verdade. Os participantes de um processo consultivo veem a realidade de diferentes pontos de vista e, à medida que esses pontos de vista são examinados e entendidos, obtêm-se clareza. Nessa concepção de investigação coletiva da realidade, a verdade não é uma concessão entre grupos de interesses opostos. Tampouco o que anima os participantes no processo consultivo é o desejo de uns exercerem poder sobre os outros. Ao contrário, o que eles buscam é o poder de pensamento e ação unificados.

No contexto da ação social, o princípio da consulta é expresso numa variedade de formas, sendo cada uma apropriada ao espaço em que acontece. Muitas vezes, quando um pequeno grupo está envolvido num empreendimento, todo assunto de interesse é tópico de consulta. Mas, dentro de uma organização, o princípio encontrará expressão de maneiras diferentes. O que se deve observar em relação a isso é que algumas vezes a consulta é feita entre pessoas tidas como iguais com o objetivo de chegar a uma decisão conjunta, como no caso das deliberações de uma Assembleia Espiritual. Em outras circunstâncias, ela assume a forma de discussão que pode ser necessária para encorajar a expressão de ideias e informações que enriquecem o entendimento comum, sendo, porém, que a decisão deve ser tomada por aqueles imbuídos de autoridade. É essa última forma que distingue o funcionamento de organizações de inspiração bahá’í, nos quais aqueles a quem foi conferida responsabilidade são dotados de algum grau de autoridade individual ou grupal.

Claramente, então, nem todas as pessoas de uma organização participarão igualmente da tomada de todas as decisões. A responsabilidade precisa ser adequadamente estruturada e definida. Por exemplo, haverá muitos espaços em que indivíduos envolvidos num componente específico do trabalho terão a oportunidade de compartilhar percepções, alcançar níveis mais elevados de entendimento, e tomar certas decisões pertinentes à sua área operacional. No caso de uma organização com um conselho e um diretor executivo, frequentemente eles tomarão decisões sem precisar consultar com cada membro da organização. Mas é deles também a responsabilidade de criar uma atmosfera em que informações relevantes e conhecimento fluam livremente e na qual os

resultados da consulta em todos os espaços da organização são transmitidos de modo a promover entendimento e consenso entre seus membros.

Além de tais considerações, um espírito consultivo permeia as interações dos que se dedicam à ação social, qualquer que seja sua dimensão e complexidade, bem como a população a que servem. Isto não significa que necessariamente existam mecanismos formais para tal fim. Indica, sim, que as aspirações das pessoas, suas observações e ideias, estão sempre presentes e são conscientemente incorporadas a planos e programas.

(iii) Ação e reflexão sobre ação

No coração de todo empreendimento de desenvolvimento há uma ação consistente e sistemática. Entretanto, a ação precisa ser acompanhada por reflexão constante para assegurar que continue a servir aos objetivos do empreendimento. Estratégias de desenvolvimento, formuladas simplesmente em termos de projetos com metas bem definidas, seguidas por uma avaliação de como e por que foram ou não cumpridas, têm suas limitações. Uma abordagem de desenvolvimento definida em termos de aprendizagem às vezes admite avaliação formal. Porém, depende muito mais de uma reflexão estruturada entrelaçada ao padrão de ação, através da qual podem surgir questionamentos e serem ajustados métodos e abordagens.

Dada a grande quantidade de necessidades da humanidade e o entusiasmo com o qual programas inspirados pelos ensinamentos da Fé são frequentemente recebidos, pode ser tentador para uma organização de inspiração bahá'í tentar aproveitar toda oportunidade e se envolver em ação frenética. Aprender a ser sistemático e focado é um desafio a ser enfrentado por todos os envolvidos em esforços em prol do desenvolvimento, desde um pequeno grupo até a própria comunidade.

Uma ideia que se tem mostrado útil nesse sentido é a da linha de ação. Uma linha de ação é concebida como uma sequência de atividades, cada uma das quais é construída sobre a anterior e prepara o caminho para a seguinte. Muitas vezes empreendimentos começam com uma única linha de ação, mas gradativamente surgem diversas linhas interrelacionadas, constituindo toda uma área de ação. Por exemplo, para ser efetivo, até mesmo um esforço nas bases da comunidade que se concentre somente na área de educação de crianças precisa simultaneamente seguir tais linhas de ação como de formação de professores e de aumentar a consciência da comunidade sobre a educação, bem como acompanhar a experiência de ensino e aprendizagem.

O pensamento focado e sistemático, e trabalho persistente e metódico, evidentemente não diminuem o espírito de serviço que anima a ação social. Ao mesmo tempo em que dá atenção aos mínimos detalhes práticos, pode-se estar ocupado com os mais profundos assuntos espirituais. Uma característica distintiva de todo esforço bahá'í deve ser a ênfase que se dá ao espírito com o qual a ação é feita. Isso exige dos participantes pureza de motivo, retidão de conduta, humildade, abnegação e respeito pela dignidade humana. Conforme afirma Bahá'u'lláh:

Um só ato reto é dotado de uma potência suficiente para elevar o pó e fazê-lo passar além do céu dos céus, para romper todo vínculo e restaurar a força que se gastou e que desvaneceu.

(iv) Utilizando meios materiais

Para que possam cumprir seus objetivos, os empreendimentos na área de ação social requerem meios materiais. Há uma tendência entre muitas organizações do mundo – incluindo aquelas que trabalham em prol de fins louváveis – de medir o sucesso principalmente em termos do montante de dinheiro recebido e despendido. Espera-se que os esforços bahá'ís de desenvolvimento deixem tais critérios de lado. Em exemplos modestos de ação social os recursos são tipicamente contribuídos pela comunidade. Um empreendimento mais complexo precisará adquirir uma capacidade maior para recorrer a fundos e utilizá-los. No caso de uma organização de inspiração bahá'í, conforme foi dito anteriormente, podem também obter fundos de agências doadoras. Nesse caso, é necessário muito

cuidado para ter a certeza de que, ao buscar garantir fundos, a organização não se desvie de seu propósito fundamental: o de capacitar uma certa população.

Por mais modesta que possa ser a quantia despendida, é de vital importância que haja um sistema para supervisionar a administração adequada das finanças. A integridade de um empreendimento é certamente assegurada pela retidão e honestidade de seus participantes. Ainda assim, um sistema comprovado de administração financeira dentro de uma organização serve para evitar uma atmosfera de descuido e imprecisão que pode propiciar a tentação.

Além de um sistema financeiro confiável, a questão da eficiência precisa de atenção. O que deve ser evitado são concepções limitadas de eficiência, por exemplo, as que consideram apenas a relação dos resultados com o ingresso material aplicado, mesmo quando estes ingressos consideram alguma medida quantitativa de esforços. Parece necessário um entendimento mais sofisticado de eficiência. Com relação ao ingresso aplicado, por exemplo, o trabalho motivado por um espírito de serviço e um desejo interior de excelência claramente tem um valor diferente daquele que é usado como instrumento para o avanço de interesses pessoais. Quanto aos resultados, para dar outro exemplo, o cumprimento de uma tarefa específica – a construção de uma pequena instalação para uma escola – pode ser bem menos importante que o desenvolvimento da capacidade dos participantes de cooperar e se envolver em ação unificada.

Há ainda uma riqueza de recursos espirituais e intelectuais aos quais se pode recorrer quaisquer que sejam os recursos materiais disponíveis. Vários desses são mencionados nos escritos bahá'ís, tais como “firme resolução e harmoniosa cooperação”, “energia, lealdade e desenvoltura”, “determinação”, “espírito de absoluta consagração”, “habilidade de organização”, “zelo”, “tenacidade, sagacidade, e fidelidade”, “devoção sincera”, “dedicação absoluta”, “perseverança”, “vigor”, “coragem”, “audácia”, “consistência”, “tenacidade de propósito”, “tenacidade de resolução” e “incansável vigilância”. O que a comunidade bahá'í conseguiu até agora no trabalho de expansão e consolidação com meios materiais limitados é o testemunho da eficácia desses recursos espirituais que devem ser crescentemente estendidos à esfera da ação social.

Aqueles envolvidos na ação social também precisam estar constantemente cientes da solene responsabilidade pelo dinheiro que foi colocado à sua disposição. Nesse sentido, é útil ter em mente a atitude que os bahá'ís demonstram em relação aos fundos sagrados da Fé – as contribuições são oferecidas com generosidade, alegria e sacrifício, e as instituições observam prudência e um elevado grau de economia em despender esse dinheiro.

V. *Princípios orientadores*

Ação social, como foi sugerido neste documento, deve ser realizada no contexto de um empreendimento bem mais amplo – isto é, o avanço de uma civilização que assegure a prosperidade material e espiritual de toda a raça humana. Os ensinamentos fundamentais da Fé que inspirarão esta civilização, alguns dos quais foram mencionados nestas páginas, precisam encontrar expressão na esfera da ação social. Claramente a aplicação dos princípios necessários ao progresso social e material das comunidades envolve um vasto processo de aprendizagem.

De um modo geral, o desafio para qualquer instância de ação social é assegurar a consistência – entre as convicções explícitas e implícitas que sustentam uma iniciativa, os valores promovidos por ela, as atitudes adotadas por seus participantes, os métodos que utilizam, e os fins que visam. Não é tarefa fácil alcançar consistência entre crença e prática: deve haver um profundo reconhecimento da unicidade da humanidade que impeça que qualquer empreendimento promova desunião, isolamento, separação ou competição; uma convicção inabalável na nobreza dos seres humanos, capaz de subjugar suas paixões inferiores e evidenciar qualidades celestiais, deve servir de proteção contra preconceito e paternalismo, ambos os quais violam a dignidade das pessoas; uma crença imutável na justiça deve guiar um empreendimento para alocar recursos de acordo com as verdadeiras necessidades e aspirações da comunidade ao invés de caprichos e desejos de poucos privilegiados; o princípio da igualdade entre mulheres e homens deve abrir o caminho não somente

para que mulheres assumam seu papel como protagonistas do desenvolvimento e se beneficiem de seus frutos, mas também para que a experiência dessa metade da população do mundo tenha cada vez mais ênfase no pensamento de desenvolvimento. Esses poucos exemplos ilustram quão intimamente princípios espirituais devem guiar a prática do desenvolvimento.

Para evitar contradições, os que participam de um empreendimento precisam se tornar cada vez mais cientes do ambiente em que seu trabalho se desenvolve. De um lado, estão livres em obter percepções de diversas filosofias, teorias acadêmicas, programas comunitários e movimentos sociais dentro desse ambiente e se manterem atualizados em relação às tendências tecnológicas que influenciam o progresso. Por outro lado, devem permanecer vigilantes para não permitir que os ensinamentos sejam moldados para se conformar com esta ou aquela ideologia, modismo intelectual ou prática em voga. Em relação a isso, é vital que se tenha a capacidade de avaliar o valor de abordagens, ideias, atitudes e métodos prevalecentes na balança da Fé. Essa capacidade faz com que, por exemplo, se possa desvelar o engrandecimento de si mesmo que muitas vezes existe por trás de iniciativas que nominalmente têm a ver com empoderamento, discernir a tendência de certos esforços de desenvolvimento de impingir aos pobres uma visão de mundo completamente materialista, perceber as maneiras sutis nas quais a competitividade e a ganância podem ser promovidas em nome da justiça e prosperidade, e finalmente abandonar a ideia de que alguma teoria ou movimento que momentaneamente adquire alguma proeminência na sociedade mais ampla possa prover um atalho para uma mudança significativa. A seguinte passagem escrita pela Casa Universal de Justiça oferece orientação nesse sentido:

A Revelação de Bahá'u'lláh é vasta. Ela demanda uma profunda mudança não somente no nível do indivíduo, mas também na estrutura da sociedade. "E não é o objetivo de cada Revelação", Ele próprio proclama, "efetuar uma transformação no inteiro caráter da humanidade - uma transformação que se manifeste tanto exterior como interiormente - que afete sua vida interior e as condições externas?" O trabalho que progride em todos os cantos do globo hoje representa o mais recente estágio do contínuo empenho bahá'í em criar o núcleo da gloriosa civilização entesourada em Seus ensinamentos, cuja construção é um empreendimento de infinita complexidade e escala, a qual exigirá da humanidade séculos de empenho para sua frutificação. Não existem atalhos, nem fórmulas. Somente na medida do esforço feito para inspirar-se em percepções advindas de Sua Revelação, ao conectar-se com o conhecimento acumulado da raça humana, ao aplicar Seus ensinamentos de modo inteligente à vida da humanidade, e ao consultar sobre questões que surgem, é que ocorrerá a necessária aprendizagem e a capacidade será desenvolvida.